

CULTURA E ORALIDADE NAS MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS DA UMBANDA POÇÕENSE AO CULTO DE EXU POMBAGIRA

Celio Silva Meira¹
Marília Flores Seixas de Oliveira²

Resumo: Este artigo propõe uma análise do surgimento da Umbanda na cidade de Poções – Bahia a partir da oralidade e das memórias subterrâneas dos seus moradores mais velhos que vivenciaram por meio dos seus antepassados a chegada desta religião na cidade, bem como uma breve observação acerca do culto à entidade de Exu Pombagira nas supracitadas casas de Umbanda enquanto uma entidade cheia de controvérsias e histórias que povoam o imaginário popular.

Palavras-chave: Cultura, memórias subterrâneas, umbanda, pombagira.

A importância da religião no Brasil é muito grande, podemos dizer que somos um país religioso por excelência. E isto se refere tanto às religiões relacionadas ao sistema de crenças judaico-cristãs, como a católica e as evangélicas – incluindo-se aí uma grande variedade de tipos e vertentes -, quanto àquelas que se reportam também a outros sistemas míticos, originários em culturas diversas à hegemônica, como o budismo, o hinduísmo, o islamismo ou as de origem africana, que apresentam grande variedade local, constituindo um amplo leque de variações e hibridismos. A vinculação das pessoas com as religiões pode ser exclusiva, professada de maneira mais formal e fundamentalista, ou mesclada, com as pessoas participando de mais de um sistema religioso ao mesmo tempo. O vínculo religioso como constituidor de identidade é forte, existindo mesmo para aqueles que não frequentam habitualmente nenhuma igreja: é comum o auto reconhecimento como católico, como protestante, como espírita, como umbandistas ou como membro de qualquer outra religião, apesar de não se manter uma religiosidade prática efetiva. Há, assim, diversas formas de uma ligação com o supremo, o sagrado, se processando das mais variadas formas, de acordo com a religião que a pessoa professa ou a crença que ela vem a ter.

Muitas destas religiões não dispõem do suporte de textos escritos aos seus princípios dogmáticos ou a sua história, fundamentando os sistemas ritualísticos ou míticos na oralidade. Como afirma Michael Pollak (1989), ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de *memórias subterrâneas* que, como parte integrante das culturas minoritárias e

¹ Mestrando em Ciências Ambientais. PPGCE. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), celliomeira@hotmail.com

² Doutora em Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, UNB, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. UESB.

dominadas, se opõem à "Memória oficial".

Tomando como base a ideia da oralidade como suporte para as memórias subterrâneas de muitas religiões afro-brasileiras, e partindo de uma concepção de *fé* e de *crença* como uma busca de relação com o sobrenatural, este artigo desenvolve um estudo acerca do culto à entidade de Pombagira, discutindo também elementos sobre o surgimento da Umbanda no município de Poções, na Bahia, respaldada também por pesquisa de campo realizada entre 2011 e 2012 em terreiros locais.

Historicamente, a Umbanda surge no Brasil a partir do momento em que a sociedade passa por transformações significativas, tais como: mudanças de uma sociedade agrária exportadora para uma sociedade urbano industrial, crescimento da infraestrutura de transportes e comunicações, instalação dos grandes polos industriais da região Sudeste, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, dentre outras. Sociedade esta composta pelos mais diversos segmentos étnicos e especialmente descendentes de escravos e outras minorias sociais. A religião umbandista representa, assim, uma síntese da sociedade da época.

O nascimento da religião umbandista coincide justamente com a consolidação de uma sociedade urbano-industrial e de classes. A um movimento de transformação social corresponde a um movimento de mudança cultural, isto é, as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade brasileira (ORTIZ, 1991, p. 52).

Dentro da representação umbandista, a entidade Pombagira possui uma série de atributos e características que aqui serão abordados em linhas gerais. Dentre os aspectos a serem discutidos, ressalta-se que há variações do próprio nome da entidade religiosa, que aqui está sendo chamada de Pombagira, mas que também possui outras denominações, como "Lebara", "Exu feminino" e outros. A escolha aqui recaiu na opção mais comum nas comunidades pesquisadas, sendo o nome mais largamente utilizado no cotidiano popular e em alguns campos do conhecimento. Para os adeptos das religiões que tem sua formação de matriz afro-brasileira, a exemplo da Umbanda, trata-se do espírito de uma mulher que em vida teria sido uma prostituta com baixos princípios morais e que se empenhava em conquistar os homens com suas proezas sexuais. Apesar do estereótipo de prostituta e do temor que ela causa, seus serviços são muito solicitados pelos adeptos formais e pelos adeptos não formais da religião umbandista, sendo reconhecida a sua força e a sua capacidade de ajuda na comunidade religiosa. As identidades míticas da entidade permitem que os pedidos a ela feitos possam traduzir os mais diversos âmbitos da vida humana, por ela compreendidos.

Conhecer a figura de Pombagira nos permite entender algo das aspirações e frustrações de largas parcelas da população que estão muito distante de um código de ética e moralidade embasados em valores da tradição ocidental cristã (PRANDI, 1996, p. 46).

Com regras de conduta particulares, muitas vezes opostas ao moralismo formal, as possibilidades de atuação da entidade são amplas e a sua compreensão diferenciada. Assim, a forma como a entidade presta os seus serviços é específico, não estando embasada numa moral cristã, em que a figura do pecado orienta a conduta, a Pombagira, sendo um exu, está longe de seguir tais princípios, possuindo ela seu próprio código ético moral, baseado numa relação direta de troca de favores. Neste caso, o código ético não está consolidado em si, mas está vinculado contextualmente à situação efetiva da relação de troca mantida entre o fiel e a entidade, podendo ser modificada a depender de como esta se procede. Durante a pesquisa de campo, realizada no local em 2012, tais especificidades transparecem na fala de uma depoente: “*Exu dá tudo, mas também pode tomar tudo*”. Assim, percebe-se que a relação que os homens estabelecem com a entidade tanto é de medo quanto de cuidado, pois é possível haver modificações, caso não se cumpram os acordos e pedidos. Em outro momento da conversa, a mesma depoente conta a seguinte passagem:

Exu precisa ser muito bem agradado, exu custa caro, não é pouca coisa que se agrada exu, você pede algo para ele e “arria” um bode, uma cabra e até mesmo um boi, mas corre o risco de alguém lá na frente “arriar” algo melhor e exu não te atender e atender o outro pedido. Em se tratando de exu tudo é possível de acontecer (Neide, em 12/02/2012).

A mesma depoente, analisando a questão da fidelidade das entidades a seus fiéis, resulta fazendo uma comparação entre os Exus e os Caboclos, afirmando que os caboclos são mais fiéis aos seus “cavalos”, atendendo com presteza o clamor daqueles que solicitam seus serviços, sendo, segundo a informante, mais fáceis de serem agradados do que os exus, *bastando “pouca coisa para deixa-los felizes”*.

De certa maneira, as representações sociais elaboradas sobre a Pombagira revelam o próprio senso comum construído a respeito da umbanda. Concepções estas que carregam aspectos ideológicos que se concatenam e derivam de padrões éticos, morais e estéticos, cuja compreensão requer uma análise histórica e dialética. A Umbanda, bem como a figura da Pombagira, é retratada muito a partir de concepções estereotipadas sobre as religiões diferentes das hegemônicas, calcadas no julgamento estabelecido ao se tomar o pensamento ocidental judaico-cristão como padrão.

Retoma-se, aqui, as discussões dialéticas sobre memória e história para tornar

possível uma análise que permita visualizar os elementos que construíram tais ideologias. Para reforçar o que se afirma, é interessante mencionar Michael Pollak (1989) no que refere aos conceitos de *memória oficial* e *memória subterrânea*. Segundo o autor, a sociedade em que vivemos apresenta traços nítidos de exclusão social e tal fato resulta na existência de *memórias marginais* ou *subterrâneas* que frequentemente são rejeitadas pelas *memórias oficiais*. A partir deste ponto de vista, considera-se que a história da Umbanda, no município de Poções, encontra-se associada às *memórias subterrâneas*, tendo sua história e seus sistemas míticos e ritualísticos muito baseados na oralidade, uma vez que esta prática religiosa não é introduzida na história oficial da sociedade local, tampouco do Município. Essas memórias ficam adormecidas no subconsciente coletivo, não são reveladas, ou seja, não são usadas para compor a história dos homens e do local onde se processa a história. Neste sentido, é importante a busca de recomposição destas memórias por meio da oralidade, para que haja a possibilidade de uma recomposição do passado, que precisa ser lembrado, para que se possa montar a história cultural local. Para Le Goff (2008, p. 419),

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O mesmo autor, discutindo o conceito de memória, apresenta a seguinte definição:

A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas (LE GOFF, 2008, p. 447).

Sendo a Umbanda uma religião que alcança muito as classes mais populares da sociedade brasileira e que surge da dissidência de outras religiões - como a católica, a espírita, o candomblé dentro do modelo jeje-nagô e outras seitas diversas-, o caráter de síntese e de brasilidade que ela traduz é muito grande, sendo confirmado e reforçado por muitos estudiosos, como afirma Ortiz (1991).

Tomando a questão do pertencimento mítico à localidade ancestral, percebe-se haver diferenças entre a Umbanda e outras religiões afro-brasileiras. Para o Candomblé, por exemplo, a África mítica primordial conota uma ideia de terra-mãe, para a qual se volta certo retorno nostálgico, dirigido muitas vezes a um passado mítico pré-colonial. Neste ponto de vista, a Umbanda vai diferir radicalmente, por aparecer como uma religião brasileira, neste sentido nacional, se opondo às religiões *importadas* pela

diáspora.

O culto à entidade de Pombagira também vai estar identificado com uma “brasilidade”, encaixando-se nos rituais da Umbanda em larga escala por todas as casas do gênero. Esta entidade apresenta, nas suas histórias e seus mitos de origem, uma série de experiências vividas, revividas e contadas com características muito próximas às dos personagens reais que compõem a sociedade brasileira, sobretudo àquelas pessoas das camadas mais pobres, que tanto procuram seus serviços. Há, assim, uma empatia identitária que relaciona a entidade ao povo brasileiro.

Entidade extremamente popular, personificando a sinceridade e espontaneidade da mulher, a Pombagira tem uma aura de intensa sensualidade e de grande sedução feminina. Sua incorporação é marcada por gestos graciosos e meneios sensuais do corpo, acompanhada de gargalhadas estrepitosas.

Está presente na cultura popular e no inconsciente coletivo, mesmo fora do espaço religioso, por meio da figura da “mulher da vida”, amante do luxo, poderosa em seus atributos sexuais, porém forte e resoluto (SERACENI, 2007).

A forma direta de suas assertivas e conselhos, com uma linguagem rude e despudorada, por vezes pornográfica, são características inconfundíveis dessa entidade, com grande eficácia comunicativa. Para Seraceni (2007, p. 130):

Dentro do caráter *trickster* de Exu, Pomba Gira também é zombeteira, gosta muito de bebida alcoólica, preferindo, porém as mais suaves com um toque sutil de feminilidade. Fuma e dança como todos os exus, revestindo seus movimentos de uma sensual provocação e desafio com altas gargalhadas.

Como toda “mulher da noite”, na tradição popular, Pombagira gosta de ser bem tratada. Adora os presentes de seus devotos, especialmente os que aguçam a sua vaidade, como as saias vermelhas e rodadas, joias e bebidas finas. Nem sempre a sua incorporação se dá apenas para trabalhos de consultas nos terreiros. Por vezes, o motivo de sua aparição é apenas diversão, por ocasião das grandes festas de exu, quando essas entidades se manifestam apenas para receber oferendas e dançar, beber e se exibir em vistosas roupas coloridas (foto 1).

Outro aspecto que merece destaque nos cultos a Exu é o uso de cores para caracterização da entidade, onde as cores vermelho, preto e branco ganham um destaque especial nos festejos votivos. Ao ser questionado sobre os motivos do uso de tais cores, uma filha de santo afirmou que:

O vermelho para alguns é a cor do pecado, logo associado a exu, mas para a gente que é de santo significa vida, o sangue que corre nas nossas veias; o preto significa luto,

aqueles que já morreram, escuridão, noite e exu gosta da noite, e o branco é a paz, porque exu também é paz, significa a calma, estado de calma (Mesô, em 12/02/2012).

Foto 1 - Ritual dedicado a Exu.



Fonte: Arquivo do Terreiro do Buraco do Boi, 2000, Poçoas, Bahia.

Um fato interessante, percebido nas conversas da pesquisa de campo, é que, em alguns casos, os próprios adeptos da umbanda cultivam algumas ideias equivocadas acerca das Pombagiras. Com isso, é perceptível o quanto que essa entidade pode ser mal interpretada pelos próprios membros da comunidade religiosa, sendo comumente atribuídas a ela muitas formas de malefícios. Por outro lado, há os que a adoram e a cultuam, reconhecendo nela uma grande protetora, aquela que toma conta de abrir seus caminhos, que resolve problemas de ordem financeira e amorosa. Assim, a Pombagira tanto pode ser odiada quanto amada, sendo assim sua figura na concepção popular.

Por outro lado, o caráter híbrido, misturado, da religião umbandista é atribuído também à própria entidade, confundindo-se a ação dos fiéis neste sincretismo, com o desejo da entidade espiritual. Percebe-se, por exemplo, no depoimento a seguir, a maneira como muitos de seus adeptos “cristianizam” a Pombagira. Para muitos deles, o “pecado” deixa de ser pecado ao encontrar-se associado a algum elemento da religião católica, como, por exemplo, a frequência à missa:

Minha Pombagira não é de terreiro, ela é católica, todo domingo, ou uma vez por mês ou tomo banho de champagne e vou para a igreja assistir à missa juntamente com ela, depois arrio a bebida dela no jardim na frente da igreja, tudo que peço a ele, ele me dá, homem, dinheiro, trabalho, minha Pombagira não faz mal a ninguém (Maria, 14/02/2011).

Outros depoimentos acerca da entidade de Pombagira revelam sua importância para o povo de santo da localidade, bem como a relação dos membros desta comunidade com outras religiões:

Para mim ela é tudo, sem ela eu não sou ninguém, ela me deu tudo que eu tenho e tudo que eu faço agradeço primeiramente a ela, desde os meus 14 anos que ela me acompanha, ela foi herança de uma irmã de sangue minha que tinha um centro de Umbanda em São Paulo e um belo dia resolveu ser “crente” - diga-se, evangélica - e acabou com tudo. No dia que ela fez isso eu estava em casa, em Poções, na minha cama dormindo com meu marido, daí acordei com ela [a Pombagira] incorporada, nesta noite ela bebeu 2 litros de uísque, ela chegou chorando e dizendo que tinha sido abandonada por minha irmã e que queria ficar comigo, foi quando eu comecei a cuidar dela e nunca mais deixei (Mãe Bibiu de Ogum, set. 2011, Poções).

O princípio da reciprocidade se encontra claramente perceptível nesta fala, pois a ideia é a de que, garantindo-se aquilo que a entidade quer e seguindo-se suas orientações, será possível conseguir alcançar o que se deseja (“ela me deu tudo que eu tenho”). Este depoimento revela ainda o grau de “humanidade” desta entidade espiritual, que manifesta sentimentos como sofrimento por abandono e a relação afetiva com seus fiéis, o que a torna facilmente compreendida, e assume comportamentos também humanizados, como o choro ou uso de bebidas alcoólicas.

As Pombagiras assumem, nos terreiros, dentre outros problemas ou angústias, uma função de conselheira sentimental, resolvendo questões amorosas. É conhecida por ser aquela que resolve - sem muitas delongas - os casos de amor.

Ela é muito procurada para coisas do coração, principalmente as frustrações amorosas daqueles que não conseguiram - por motivos não sei quais - conquistar seu amor, e com a ajuda de Gira isso se torna possível (Mãe Bibiu de Ogum, set. 2011, Poções)

Segundo Seraceni (2007), o simbolismo da Pombagira é típico da Umbanda, pois na África ele não existia desta forma, sendo o seu arquétipo anterior o de uma entidade feminina que iludia as pessoas e as levava à perdição. Já na linha da Umbanda, a Pombagira é um espírito que incorpora em seu médium e, entre um gole de Champagne e uma bafurada de cigarrilha, orienta e ajuda a todos os que a respeitam e o amam, confiando-lhe seus segredos e suas necessidades.

Assim, falar da entidade de Pombagira é, ao mesmo tempo, falar da vida das pessoas. Ela é capaz de compreender os desejos mais íntimos, a sexualidade muitas

vezes reprimida por padrões morais e éticos, dispensando certas convenções sociais e falando abertamente o que pensa e acha. Os fiéis que incorporam a entidade revelam, durante a incorporação, formas e maneiras de falar destituídos dos rigores da moralidade formal. Muitas vezes reside aí a representação ideológica que estabelece uma ligação dela com o maléfico criado essencialmente pelas religiões ocidentais. Segundo Seraceni (2007, p. 48),

Exu não é o demônio, ou o diabo, ou o capeta, mas é tão-somente um mistério natural porque gera em si e irradia de si o fator vitalizador da criação divina. [...]. Para ele não existe a divisão entre Bem e Mal, apenas objetivos a serem atingidos. Se direcionados para o Bem, fazem-no à sua maneira, e se para o Mal, também.

Sendo a Pombagira um Exu, também ela age de acordo com os interesses dos humanos, de quem precisa dos seus préstimos, é uma energia que pode ser conduzida para que se possa fazer tanto coisas boas quanto também ruins. A opção moral não está na entidade e sim nas pessoas que a convocam a atuar. Para Berkenbrock (1996, p.131),

Exu é uma força de comunicação [...]. Ele é o elo, a figura-chave na seqüência da oferta-e-restituição. Ele é o transportador do Axé. Todo ato religioso precisa imprescindivelmente a presença de Exu, é ele quem estabelece a comunicação entre os dois lados [...], sem ele, a existência não se comunicaria, não viria a ser; sem ele não haveria dinâmica nem encaminhamento. Ele é a faísca que inicia o processo.

De uma figura impreterivelmente necessária, torna-se uma figura altamente temida. Para um membro do Candomblé ou da Umbanda, é muito importante saber tratar um Exu ou uma Pombagira de uma maneira correta e, sobretudo, saber evitar sua ira, pois estas entidades, quando contrariadas, também são causadoras de desarmonia, de má sorte, de escolhas erradas, de equívocos. Sendo os donos do caminho, se não forem tratados adequadamente, podem também indicar os caminhos errados às pessoas. Logo, eles precisam ser bem tratados e respeitados para que a harmonia reine nos espaços onde são evocados.

Os rituais para Exus – e Pombagiras aí incluídas – são, portanto, de grande importância nos terreiros de Umbanda, sendo também feitos antes prioritariamente. O Padê de Exu, como é conhecido um destes rituais, consiste, no terreiro em que foi feita esta pesquisa, numa oferenda de uma farofa (chamada também de marafo de Exu), feita com farinha de mandioca misturada com aguardente (ou com outras substâncias, como azeite de dendê ou mesmo mel), que é oferecida tanto nos “assentamentos” destas entidades quanto na rua ou em encruzilhadas. O ato de realizar este ritual é chamado popularmente, pela comunidade religiosa local, de “despachar Exu” ou despachar a porta. O Padê é fundamental para vários outros rituais, sendo pelo qual se iniciam os

demais. A posição primordial de Exu está ligada também à sua vinculação com a comunicação, função que desempenha entre os homens e as demais entidades espirituais. Para Berkenbrock (1996), esta oferta – feita no início das demais - tem como objetivo pedir a Exu que estabeleça a comunicação entre os dois lados. Já segundo Moura (1994, p. 67),

É comum ouvir no meio do povo de santo que a oferta a Exu feita no início de toda cerimônia religiosa teria como objetivo acalmar Exu para que ele não venha atrapalhar o seguimento do culto. Na concepção teológica tradicional, o Padê de Exu é interpretado como uma ação possibilitadora da atividade ritual.

Outra característica da Pombagira é a capacidade de atrair para si todas as atenções quando incorporada em seus médiuns, chegando com risadas estridentes e fazendo muito estardalhaço, na fala e nas roupas que costumam vestir assim que se incorpora. Logo se juntam várias pessoas ao seu redor, interessadas em seus conselhos, sejam de amor, de negócios ou dos mais variados assuntos, ou simplesmente para receberem dela um abraço ou tomarem um gole da bebida de sua taça. Costuma ser muita clara em seus conselhos, objetiva, direta, dizendo o que a pessoa precisa fazer para resolver tal problema. Agem como se fossem verdadeiras psicólogas na arte de aconselhar quem lhe procura. Apesar de todo preconceito que a cerca, a entidade de Pombagira é tida, nos terreiros pesquisados, como verdadeiras donas e damas da situação.

Quando Dona Maria chega é só alegria. Todos bebem, fumam à vontade, cantam para ela os pontos de sua preferência, ouvem seus conselhos, dão boas risadas, e aliviam as angústias que trazemos. Além, é claro, de ela chamar suas colegas para se fazerem presentes em sua festa. Chegam para mais de 10 Pombagiras de uma só vez. Vira uma “zuada” danada, de ensurdecer, com tantas risadas, gritos, requebrados, som de atabaques, muita cerveja, champagne, uísque do bom, enfim, Dona Maria é só fartura. Onde ela está é bom demais (Mãe Bibiu de Ogum, set. 2011, Poções).

Logo se percebe o quanto a entidade é próxima das pessoas que a cultuam. Têm muito a ver com suas vidas cotidianas, entendem seus problemas, as pessoas se sentem iguais a ela, nos desejos, nos sonhos a serem realizados, daí o fato de ela ser tão popular nos terreiros de Umbanda.

No tocante das manifestações afro-brasileiras, além dos traços físicos, talvez seja na música e na religiosidade que a presença africana esteja mais evidente entre nós. A religião tem lugar central nas culturas de origem africanas, sendo a esfera de onde vem toda a orientação para a vida, a garantia do bem-estar, da harmonia e da saúde.

No Brasil as religiões africanas foram transformadas, ritos e crenças de alguns

povos se misturaram com os de outros, e com os dos portugueses, mas nesses processos muitas características africanas foram mantidas. Prova disso são os terreiros de Candomblés ou de Umbanda que se espalham cada vez mais pelo nosso território, com muitas características das culturas africanas. Concone (1985, p. 133) nos mostra que: “Na arquitetura, nos tipos de plantas e árvores plantadas no entorno das construções, nos altares nos quais as entidades sobrenaturais recebem abrigo, alimentos, e cuidados cotidianos, e nas formas de festejar”.

É inegável a presença do legado africano na formação cultural do brasileiro e conhecer estas tradições e suas variações religiosas é também estabelecer novas maneiras de valorizar estas culturas que encontram novas maneiras de se realizarem, dialogando com tradições múltiplas, valorizando também a oralidade como caminho para tornar presentes às memórias subterrâneas.

REFERÊNCIAS

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. *Umbanda: uma religião brasileira*. São Paulo, FFLCH, USP, CED, 1985.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2008.

MOURA, Carlos Eugenio Marcondes de (Org.). *As senhoras do pássaro da noite: escritos sobre a religião dos Orixás V*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo: Axis Mundi, 1994.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Revista*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. In: *Herdeiras do axé*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SARACENI, Rubens. *Umbanda sagrada: religião, ciência, magia e mistérios*. São Paulo: Madras, 2007.